Dia 26 — São Porfírio, Bispo de Gaza, na Palestina

Nasceu São Porfírio em Tessalônica, na Macedônia, de família ilustre e muito opulenta, por volta do ano de 353; e, como seus pais eram piedosos, cuidaram de criar o menino em grande temor de Deus, imbuindo-o nas máximas de uma piedade terna e sólida. Crescia a virtude ao passo da idade; e, evitando cuidadosamente os laços mais comuns da juventude, fugia das companhias perigosas, contribuindo não pouco para conservar a inocência o grande amor que tinha ao retiro, a aplicação ao estudo e o sumo horror ao pecado. A costumes tão puros e tão inocentes era consequente o desgosto e até o tédio que lhe causaram desde logo as coisas do mundo. Deixou seus pais, pátria e parentes aos vinte e cinco anos de idade e retirou-se ao Egito, onde inteiramente se consagrou ao serviço de Deus, abraçando a vida religiosa no famoso mosteiro de Scete.

Nele se manteve cinco anos entregue aos rigores de uma austerissima vida, depois dos quais, com licença de seu prelado, foi visitar os lugares santos de Jerusalém; e, concluída esta devoção, encerrou-se numa gruta não distante do Jordão. A umidade do sítio e a intempérie do ar estragaram-lhe a saúde, enchendo-o de penosos achaques. Com tudo isso se manteve outros cinco anos naquela gruta sem diminuir o rigor de suas penitências, até que um cirro no baço e uma febre contínua o obrigaram a fazer-se levar a Jerusalém, onde, em meio de sua debilidade, não deixava de visitar diariamente os santos lugares, apoiado num humilde báculo. Certo jovem piedoso, chamado Marcos, que se fez discípulo seu e deixou escrita sua vida, ofereceu-se a servir-lhe de braço para que andasse com menos trabalho; mas o santo não quis admitir este alívio, dizendo que desdizia muito de um pobre pecador que havia vindo àqueles santos lugares a fazer penitência de suas culpas e a conseguir o perdão delas.

Uma só coisa o afligia: era o não ter ainda distribuído entre os pobres as grandes riquezas que havia herdado de seus pais. Descobriu a seu querido discípulo este cuidado que o molestava e rogou-lhe que fosse a Tessalônica e que, vendendo todos os bens, tanto móveis como imóveis que lhe haviam tocado, lhe trouxesse o dinheiro que produzisse a venda.

Cumpriu Marcos fiel e exatamente com sua comissão; e, voltado a Jerusalém, ficou gostosamente surpreendido vendo seu mestre inteiramente livre dos achaques que o tinham debilitado. Perguntou-lhe a causa daquela agradável novidade, e o santo lhe respondeu, com sua ingenuidade e candor costumado: Faz alguns dias que, sentindo-me extraordinariamente agravado de minhas dores, fui arrastando-me como pude, com grande trabalho, até o monte Calvário, para ter o consolo de expirar no mesmo sítio onde morreu meu Redentor. Ali caí desmaiado e tive uma espécie de êxtase em que se me representou Jesus Cristo encravado na cruz, que mandava ao bom ladrão que me levantasse. Fê-lo este dando-me a mão e dizendo-me que fosse render graças

a meu doce Salvador, porque já estava são; corri a lançar-me aos pés de Jesus Cristo, que a este tempo já havia descido da cruz, e, apresentando-me aquele sagrado instrumento de nossa redenção, ordenou-me que o guardasse. Desapareceu a visão, e eu me achei restituído a minha antiga robustez.

Repartiu Porfírio entre os pobres todo o dinheiro que Marcos havia trazido, sem reservar um centavo para si, ficando ele mesmo tão sumamente pobre que se viu obrigado a aprender o ofício de curtidor para ganhar a comida.

Neste humilde exercício viveu até os quarenta anos de sua idade, quando, noticioso o patriarca de Jerusalém de sua grande virtude e singulares talentos, o ordenou sacerdote, apesar da resistência que fez sua humildade, e lhe encomendou a custódia da verdadeira cruz em que se obrou o mistério de nossa redenção, com o que se verificou a visão que havia tido no Calvário.

A dignidade do sacerdócio acrescentou novo lustre ao resplendor de sua virtude, sem que por ela diminuísse o rigor de suas penitências. Reduzia-se sua comida a pão, legumes e água, e não tomava jamais alimento senão depois de posto o sol.

A afabilidade de seu gênio e sua profunda humildade davam maior vigor à eficácia de seu zelo. Era não menos sábio na sagrada escritura que erudito nas letras humanas; e, dotado por outra parte de engenho pronto, perspicaz e claro, sempre que disputava com os infiéis conseguia algum triunfo; de maneira que se havia feito célebre em toda a Palestina o nome de Porfírio pelo grande número de conversões que havia logrado nela. Vagou neste tempo o bispado de Gaza; todos puseram logo os olhos em nosso santo e, não lhe valendo sua resistência, viu-se obrigado a obedecer. Assustaram-se com esta notícia os gentios, cujo número era muito crescido na cidade, e não pouparam diligência nem artifício para tirar-lhe a vida no caminho ou para estorvar-lhe a entrada nela; mas os desarmou com sua paciência e os converteu com sua virtude. Sucedendo por então uma grande seca que ressecava os frutos da terra, acudiram os pagãos a seus deuses, oferecendo-lhes sacrifícios para que chovesse: foram inúteis estas diligências da superstição, até que o santo bispo saiu em procissão a uma ermida extramuros da cidade com os poucos cristãos que nela havia. Então se desprendeu de repente uma chuva tão copiosa que, envergonhada e confusa a gente do paganismo, abriram muitos infiéis os olhos à luz deste milagre e se converteram à fé. Desde aquele momento cresceu cada dia o rebanho de Jesus Cristo.

Irritados os gentios à vista de tantas maravilhas, ameaçavam levar tudo a fogo e sangue. Maltratavam tanto os cristãos que foi preciso recorrer ao imperador; e por meio de São João Crisóstomo obteve nosso santo um decreto imperial para que se fechassem todos os templos de Gaza e se reduzissem os ídolos a cinza.

Executou-se o decreto; mas, tendo-se posto mais enfurecidos com isto os poucos gentios que haviam ficado, resolveu Porfírio passar a Constantinopla em companhia de seu metropolita João de Cesareia, para conseguir do imperador a total demolição dos templos.

Deveu-se à fama da eminente virtude de nosso santo a grata audiência que lograram os dois prelados, recebendo-os a imperatriz com extraordinário agrado e encarregando-se ela mesma de proteger sua pretensão com o imperador; mas, preocupado este príncipe do que se chama razão

de estado, fundada em políticos interesses, e temendo alguma sedição se apurava demasiado os pagãos, consentiu sim em que fossem privados de todo cargo e ofício honorífico na república e em que se lhes proibisse o exercício público de sua religião, confirmando o primeiro decreto de que se fechassem os templos; mas não lhe puderam tirar ordem para que se demolissem.

Consolou a imperatriz os dois santos bispos, dizendo-lhes que não se desanimassem nem desconfiassem, que ela tomava de seu cargo o bom êxito daquele piedoso negócio. Reconhecido São Porfírio a este singular favor e dando-lhe graças por ele, prometeu-lhe em nome do Senhor que, em prêmio do grande serviço que fazia à Igreja, sua divina Majestade lhe daria um filho, que havia de suceder no império a seu pai. O sucesso verificou logo a profecia, porque a imperatriz, que até então sempre havia parido filhas, deu à luz um formoso príncipe, com tanto gozo seu que mandou formar um memorial que continha a pretensão do santo bispo, prevenindo-lhe que, logo que se acabasse a cerimônia do batismo, apresentasse o memorial ao senhor que levava o príncipe nos braços, a quem já tinha instruído no que havia de executar. Fez-se assim; recebeu o memorial aquele cavaleiro, abriu-o, fez sinal de silêncio e leu algumas palavras; voltou a fechá-lo, aplicou-o à terna boca do infante para que o beijasse, meteu-lho no peitinho e disse em alta voz: Senhores, sua majestade ordena que este memorial seja registrado e que se execute à letra seu conteúdo. Sorriu-se o imperador ao ver o inocente artifício e disse que não podia opor-se à primeira coisa que o príncipe seu filho havia concedido. Na manhã seguinte mandou a imperatriz chamar os dois bispos e, fazendo-lhes entregar os despachos correspondentes na mesma conformidade que os haviam desejado, encarregou a execução a um oficial chamado Cinégio, homem de grande virtude e muito zeloso pela Religião, entregando-lhe ao mesmo tempo ricos presentes e copiosas esmolas para que os pusesse nas mãos de São Porfírio.

Embarcaram-se os dois prelados, e nosso santo sossegou com suas orações uma furiosa tempestade em que estiveram para perecer, com cujo milagre abjurou o arianismo e se converteu à fé católica o piloto da embarcação.

Quando se ia aproximando de Gaza, saíram a recebê-lo procissionalmente os cristãos, cantando hinos com cruz levantada, à vista da qual caiu no chão uma estátua de mármore que representava a deusa Vênus e estava no caminho, a qual, apanhando debaixo dois gentios que estavam zombando dos fiéis, os deixou esmagados; milagre que atemorizou todos os pagãos e converteu a muitos. No mesmo instante se pôs em execução o decreto do imperador: foram demolidos todos os templos e feitas em pedaços ou queimadas as estátuas dos ídolos; o que não se executou somente na cidade de Gaza, mas em todo o contorno, edificando-se depois uma magnífica igreja em forma de cruz, à qual se deu o nome de Basílica Eudoxiana, em atenção à sua imperial fundadora.

Empregou-se depois o santo bispo Porfírio com infatigável zelo em reformar os costumes dos cristãos e em converter os gentios; mas sobretudo declarou perpétua guerra aos hereges, especialmente aos maniqueus, que haviam intentado inficionar seu rebanho; e uma atrevida mulher desta mesma seita que teve ousadia para disputar com o santo ficou morta repentinamente.

Tendo-se juntado o povo num dia solene para celebrar uma procissão, três meninos caíram dentro de um poço: pôs-se em oração São Porfírio. Desceram a tirá-los e os acharam todos três

sentadinhos numa pedra, sem ter padecido dano algum. Estes continuados prodígios, juntos à pureza de seus costumes, à austeridade de sua vida, aos trabalhos de seu zelo e àquela dulcíssima afabilidade que lhe ganhava os corações, acenderam em fervor os dos fiéis e dissiparam as trevas do gentilismo de toda a cidade de Gaza.

Por fim, extenuado São Porfírio com as penitências, rendido ao peso dos trabalhos e consumido com o ardor de seu zelo, expirou docemente em meio de suas ovelhas no dia 26 de fevereiro do ano 420, aos sessenta e sete de sua idade e aos vinte e quatro anos e onze meses de seu pontificado, morrendo com o consolo de deixar sua amada cidade quase inteiramente cristã.

Santo Alexandre, Bispo de Alexandria

Santo Alexandre, um dos mais célebres bispos de Alexandria, esclarecido ornamento da Igreja universal, proclamado com inumeráveis elogios dos Padres, segundo escreve Santo Atanásio, seu discípulo, foi um varão magnífico, equitativo, liberal, amável e sumamente caritativo; tão observante do jejum que jamais o quebrantou antes de pôr-se o sol; com tanta reverência às santas escrituras que sempre as lia em pé, em sinal de respeito ao Espírito Santo que nos ensina por aqueles sagrados códigos. Embora suas admiráveis virtudes tornassem recomendável seu mérito em todo o orbe cristão, sua maior glória se funda em ter sido o primeiro capitão da milícia de Jesus Cristo que, em guerra viva, levantou o estandarte contra Ário, perversíssimo heresiarca, batalhando com ele até os últimos alentos.

São Pedro, patriarca de Alexandria, ilustre mártir de Jesus Cristo, havia recebido entre os indivíduos de seu clero este monstro infernal, que aparentava nos princípios muita religiosidade. Mas suas criminalidades o fizeram expulsar em breve tempo da comunhão dos fiéis; e, temendo então as resultas da excomunhão ou estimulado do remorso de sua consciência, solicitou com arrependimento aparente voltar ao grêmio da Igreja. Encontrando inflexível São Pedro em conceder-lhe a absolvição da censura, valeu-se o herege de Áquila e Alexandre, presbíteros de Alexandria, muito amados do santo, a fim de que intercedessem com ele para que o admitisse. Fizeram a súplica àquele prelado quando estava já em prisão por defesa da fé, na perseguição que suscitaram os imperadores Diocleciano e Maximiano contra a Igreja. São Pedro negou-lhes a graça, falando-lhes nestes termos: «Irmãos meus dilectíssimos, tenho entendido que Ário está morto para com Deus e lançado de sua presença neste século e no futuro. E para que em nenhum tempo possais censurar-me de rígido e desumano, sabei que, estando orando esta noite imediata, vi Jesus Cristo em forma de um menino de doze anos, cercado de um resplendor imenso, com o vestido rasgado em duas partes; e, perguntando-lhe, depois de ter voltado do sobressalto que me causou aquela visão, quem era o autor da laceração, respondeu-me que Ário; prevenindo-me que não o admitisse jamais à comunhão dos santos e encarregando-me assim mesmo que vo-lo dissesse, pois me revelou que viríeis hoje a este fim, movidos de suas instâncias.»

Morto São Pedro na perseguição dita, na qual conseguiu a coroa do martírio, sucedeu-lhe Áquila na cadeira de Alexandria e, esquecendo-se este da prevenção feita pelo santo, deixando-se enganar, nimiamente fácil, das fingidas promessas de Ário, admitiu-o à comunhão dos fiéis e confiou a seu cuidado uma das paróquias de Alexandria. Mas, tendo falecido Áquila a poucos meses de sua elevação, como Alexandre era geralmente amado e venerado de todo o clero e povo por sua eminente virtude, foi promovido àquela cátedra por universal consentimento. Cheio de inveja o presbítero Ário de uma eleição tão aplaudida, já que não pôde caluniar a vida inculpável do santo, tomou o partido de opor-se a sua doutrina católica, pregando que Jesus Cristo não era filho consubstancial do Eterno Pai e pervertendo não poucos fiéis com as sofísticas argumentações de que se valia para sustentar uma impiedade tão execrável, a qual apoiava com as sentenças da santa escritura que só falam da natureza humana unida hipostaticamente com a divina e calando as que estabelecem que esta é uma nas três pessoas da Santíssima Trindade. Logo que entendeu Alexandre tão sacrílega blasfêmia, que impugnava nada menos que o dogma mais sacrossanto que crê e confessa nossa santa fé no inefável mistério da Encarnação, procurou, como pai primeiramente, atrair o herege ao conhecimento de seu erro por meio de salutares admoestações, conselhos e amorosas instruções. Mas, vendo frustradas todas as suas esperanças, congregou um concílio dos bispos da província, como patriarca do Egito, no qual se condenou Ário por herege contumaz com os sequazes da heresia, privando-os da comunhão da Igreja.

Ressentido o heresiarca de tão justa providência, determinou vingar-se por quantos meios lhe fossem possíveis; e com tão perverso intento passou à Palestina, onde perverteu com seus capciosos artifícios não poucos bispos, especialmente Eusébio de Nicomédia, que se declarou desde logo protetor da impiedade. Unido este partido inimigo da fé católica com o dos hereges melecianos, faziam à Igreja uma guerra mais cruel e sangrenta que a que poderia padecer pelos gentios. Os melecianos eram já acérrimos contrários de Alexandre, com motivo da conformidade das doutrinas deste prelado com as de São Pedro, que foi quem separara da comunhão dos cristãos Melécio, bispo de Licópolis, fautor da heresia de seu nome. Mas, apenas soube Alexandre esta conjuração dos inimigos de Jesus Cristo, infatigável como sempre na defesa dos artigos dogmáticos, escreveu aos prelados cismáticos daquela província muitas cartas cheias daquele santo zelo que constitui o caráter dos varões apostólicos, manifestando-lhes com uma erudição vasta a impiedade da nova heresia, desenganando-os ao mesmo tempo das ficções e artifícios daquele monstro que vomitou o inferno para rasgar o vestido de Jesus Cristo e perturbar a paz da Igreja. Não satisfeito com estes avisos, deu parte do dano ocasionado ao sumo pontífice Silvestre, fazendo o mesmo com o imperador Constantino. Também implorou o auxílio de todos os bispos ortodoxos, recomendáveis por sua ciência e santidade no Oriente e Ocidente, animando-os a que se armassem contra a sacrílega novidade, indicando-lhes a notável perda que já se experimentava na fé católica pelos adiantamentos de Ário, protegido de Eusébio e outros prelados enganados com seus sofismas.

Não é possível explicar o que trabalhou Alexandre para sepultar aquele monstro do abismo e precaver os fiéis do veneno com o antídoto oportuno. A seu zelo e contínuas instâncias deve a Igreja o primeiro de seus concílios ecumênicos, ou gerais, celebrado na cidade de Niceia, ao qual assistiram 318 bispos e onde foi condenado Ário com sua heresia e sequazes [^1].

Mas onde mais acreditou este eminentíssimo Prelado sua fortaleza apostólica foi na justa resistência ao empenho do imperador Constantino, dirigido a que admitisse à comunhão a Ário, sob o conceito de seu arrependimento, respondendo àquele Príncipe, a quem tanto deveu a Igreja, que não podia fazê-lo, porque a conversão de um homem tão protervo era nascida do temor, não de sincero arrependimento; e que assim não era lícito que os membros vivos do corpo místico de Cristo comunicassem com os podres e infectos, separados da Igreja com a formidável espada do anátema.

Além de tão louváveis empresas, capazes de eternizar sua memória, refere-se em seu elogio a criação de um herói como Santo Atanásio, estimando por prognóstico de sua virtude e mérito um sucesso bem estranho. Tendo concluído o Santo a festividade de São Pedro mártir em sua igreja e retirado a seu palácio, viu desde ele, nas margens do mar, uma multidão de meninos que em seus inocentes jogos imitavam muitas ações misteriosas executadas no templo. Cheio de admiração, mandou chamá-los e, examinando-os cuidadosamente, declararam com simplicidade que alguns deles haviam sido batizados por Atanásio, que se fez bispo nos entretenimentos; e, achando satisfeitos todos os ritos da Igreja na administração daquele Sacramento, mandou não rebatizá-los.

Deste prodigioso fato tomou ocasião Alexandre para aconselhar os pais de Atanásio a que o dedicassem ao serviço da Igreja, de modo que, educado como outro Samuel no templo, o ordenou sacerdote, teve-o por seu maior privado e foi o ministro mais fiel em suas contínuas empresas contra Ário e seus sequazes, manifestando na hora da morte que convinha que fosse seu sucessor, pela grande utilidade que resultaria à Igreja de um prelado de seu caráter, constante na defesa da fé católica, como o acreditou em sua vida.

Por último, este herói admirável, cheio de triunfos e merecimentos, faleceu pelos anos 426, aos 5 meses depois do concílio niceno, tendo governado sua Igreja por espaço de 16 anos como um verdadeiro sucessor dos apóstolos, guerreando contra Ário e sequazes de sua impiedade até a morte.

Martirológio Romano

Em Perge, na Panfília, a festa de São Nestor, bispo, o qual, como não cessasse de orar dia e noite para que Deus guardasse seu rebanho, na perseguição de Décio foi preso e, tendo confessado o nome do Senhor com admirável liberdade e santo gozo, foi cruelissimamente atormentado sobre o cavalete por ordem do presidente Políon; e, protestando sem cessar que jamais se apartaria de Jesus Cristo, terminou sobre uma cruz seu martírio e seu triunfo.

Ali mesmo, os santos Papias, Diodoro, Conão e Claudiano, que foram martirizados antes de São Nestor.

Além disso, os santos Fortunato, Félix e outros vinte e sete mártires.

Em Alexandria, Santo Alexandre, bispo, ancião venerável, quem, seguindo as pegadas de seu predecessor São Pedro, lançou de sua igreja Ário, um de seus presbíteros, depravado com pestilencial heresia e convencido pela divina verdade. Foi também do número dos trezentos e dezoito padres que condenaram este homem perverso no concílio de Niceia.

Em Bolonha, São Faustiniano, bispo, quem, com a eficácia de seus sermões, afirmou e acrescentou esta igreja, afligida com a perseguição de Diocleciano.

Em Gaza, na Palestina, São Porfírio, bispo, quem, no tempo do imperador Arcádio, derrubou o ídolo e o templo de Marnas e, depois de muitos padecimentos, dormiu no Senhor.

Em Florença, Santo André, bispo e confessor.

No território de Arcis, São Víctor, confessor, cujos louvores escreveu São Bernardo.

Missa (oração)

A missa é do comum de confessor pontífice, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Exaudi, quæsumus, Domine, preces nostras, quas in beati Porphyrii confessoris tui atque pontificis solemnitate deferimus: et qui tibi digne meruit famulari, ejus intercedentibus meritis, ab omnibus nos absolve peccatis: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que ouçais benigno a súplica que vos fazemos na solene festa de vosso bem-aventurado confessor e pontífice Porfírio; e que nos livreis de todos os nossos pecados pelos méritos daquele que vos serviu com tanta fidelidade: Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 7 da de São Paulo aos Hebreus.

Hebreus 7,23-27

> **Latim:** 23 Et alii quidem plures facti sunt sacerdotes, idcirco quod morte prohiberentur permanere : 24 hic autem eo quod maneat in æternum,

> sempiternum habet sacerdotium. [25] Unde et salvare in perpetuum potest accedentes per semetipsum ad Deum : semper vivens ad interpellandum pro nobis. [26] Talis enim decebat ut nobis esset pontifex, sanctus, innocens, impollutus, segregatus a peccatoribus, et excelsior cælis factus : [27] qui non habet necessitatem quotidie, quemadmodum sacerdotes, prius pro suis delictis hostias offerre, deinde pro populi : hoc enim fecit semel, seipsum offerendo.

Português: [23] E na verdade os outros forão feitos sacerdotes em maior número, por quanto a morte não permittia que durassem: [24] mas este porque permanece para sempre, possue hum sacerdocio eterno. [25] E por isto póde salvar perpetuamente aos que por elle mesmo se chegão a Deos: vivendo sempre para interceder por nós. [26] Porque tal Pontífice convinha que nós tivessemos, santo, inocente, immaculado, segregado dos peccadores, e mais elevado que os ceos: [27] que não tem necessidade, como os outros sacerdotes, de offerecer todos os dias sacrificios, primeiramente pelos seus peccados, depois pelos do povo: porque isto o fez huma vez, offerecendo-se a si mesmo.

Nota

«O fim que São Paulo se propunha escrevendo aos hebreus era persuadir-lhes a inutilidade de seus sacrifícios depois do novo Testamento, inspirando-lhes ao mesmo tempo umas máximas morais inteiramente contrárias a seu espírito de carne e sangue. Com esta ideia aplica-se a fazer-lhes demonstrações, com provas tiradas das mesmas escrituras, da divindade de Jesus Cristo, da excelência e da autoridade de seu sacerdócio, da preeminência do sacrifício da nova lei sobre todos os sacrifícios da antiga; e prova com evidência que, tendo-se oferecido o sacrifício de Cristo, eram inúteis e deviam abolir-se todos os que deixou ordenados Moisés.»

Reflexões

Quanta diferença há entre os sacerdotes da lei antiga e o sumo Sacerdote da nova! Aqueles, puros homens, homens pecadores, homens mortais, sujeitos à miséria dos demais homens, tinham tanta necessidade de oferecer sacrifícios por seus próprios pecados como pelos do povo, e com a morte se acabava seu sacerdócio: *Idcirco quod morte prohiberentur permanere.* Mas o sumo Sacerdote do novo Testamento é inocente, sem mancha, separado de todo comércio com os pecadores, colocado sobre os mesmos céus, numa palavra, santo como o mesmo Deus, eterno, imutável e, por isso mesmo, sempre em estado de salvar os que por ele vão a Deus: *Unde et salvare in perpetuum potest accedentes per semetipsum ad Deum.* Nada tem que pedir para si e consegue tudo o que pede para os demais: *Semper vivens ad interpellandum pro nobis.* Considera a eminente preeminência de nossa religião sobre todas as demais religiões e reflete que grande ventura é ser de tão santa religião. E não é também uma bondade de Deus inexplicável o dignar-se fazer aliança

com os homens; isto é, querer obrigar-se por uma espécie de contrato mútuo a cumprir aos homens todas as suas promessas, como estes reciprocamente se obriguem por sua parte a observar sua santa lei para conseguir os efeitos daquelas divinas promessas? O mediador da primeira aliança, Moisés, sendo não mais que puro homem, só podia propor a lei aos homens e apresentar a Deus sacrifícios de sua parte; mas o mediador da nova, Jesus Cristo, sendo Deus, por si mesmo nos merece e nos comunica a graça necessária para cumprir as condições do pacto, isto é, para observar sua santa lei.

Ó grande Deus, e quão poucos são os que fazem conceito cabal, os que formam ideia justa da grandeza, dignidade e majestade de nossa santa religião! Quem é o que se compraz em pensar as assombrosas vantagens que goza na nova lei? Quem é o que se regozija de ter à mão meios proporcionados com que honrar a Deus segundo sua grandeza, segundo seus méritos, pelo sacrifício incruento de seu divino Filho? Quem é o que rende contínuas graças a Jesus Cristo por ter obrado em nosso favor tão grandes maravilhas e porque, desterrando todos os demais sacrifícios, nos deixou uma hóstia que não pode deixar de ser grata a seu eterno Pai; uma hóstia correspondente aos benefícios que temos recebido dele e aos demais que lhe podemos pedir; uma hóstia capaz por si só de apagar todos os pecados dos homens? Quem pode não ter confiança tendo Jesus Cristo por mediador? E quem poderá não amar com a maior ternura a Jesus Cristo, considerando que se ofereceu a si mesmo por nós e que cada dia está renovando nos altares o mesmo sacrifício?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 24 de São Mateus.

Mateus 24,42-47

> **Latim:** [42] Vigilate ergo, quia nescitis qua hora Dominus vester venturus sit. [43] Illud autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias qua hora fur venturus esset, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. [44] Ideo et vos estote parati : quia qua nescitis hora Filius hominis venturus est. [45] Quis, putas, est fidelis servus, et prudens, quem constituit dominus suus super familiam suam ut det illis cibum in tempore ? [46] Beatus ille servus, quem cum venerit dominus ejus, invenerit sic facientem. [47] Amen dico vobis, quoniam super omnia bona sua constituet eum.

Português: [42] Velai pois, porque não sabeis a que hora há de vir vosso Senhor. [43] Mas sabei, que se o pai de familia soubesse a que hora havia de vir o ladrão, vigiaria sem duvida, e não deixaria minar a sua casa. [44] Por isso estai vós tambem apercebidos: porque não sabeis em que hora tem de vir o Filho do homem. [45] Quem cres que he o servo fiel e prudente, a quem seu senhor poz

sobre a sua familia, para que lhes dé de comer a tempo? [46] Bemaventurado aquelle servo, a quem seu senhor achar nisto occupado quando vier: [47] na verdade vos digo, que elle o constituirá administrador de todos os seus bens.

Meditação

Primeiro ponto

Considera que é próprio de uma alma tíbia o adormecer-se no negócio da salvação; atrás da modorra vem o sono; e, se enquanto dorme profundamente entra o ladrão ou chama o Senhor à porta: que dor! Que desgraça! Que desesperação! Esta é a sorte da alma tíbia.

O preceito que Jesus Cristo nos intimou de velar continuamente olha-se ou considera-se como um mero conselho de perfeição que fala unicamente às almas fervorosas. Não se crê que o Senhor venha tão logo, nem se tem a devida desconfiança do inimigo. A tibieza com que se vive faz descuidar nas precauções; e a modorra ou o sono de que está carregada a alma a impede de ver os perigos. Nada se teme quando tudo é de temer. O desgosto com que se olha a verdadeira piedade reputa-se por uma moderação de desejos e talvez por uma mediania de virtude com a qual se contenta o coração. Daqui nasce aquela triste constituição de uma alma que se cinge precisamente a evitar as culpas graves, dando-se pouco ou nada de cair nas que se lhe figuram leves, e cometendo-as sem temor e sem remorso. Daqui aqueles exercícios espirituais feitos com tanta negligência, aquelas devoções sem gosto, aquelas confissões sem emenda e aquelas comunhões sem fruto. Imagina se pode haver enfermidade espiritual mais perigosa.

Uma febrezinha lenta sempre é mortal. Não há na verdade nem acessos violentos nem ardores excessivos; reduz-se a uma languidez, a um desgosto, a um desfalecimento contínuo; leva-se uma vida triste e arrastada, debilitam-se as forças, vai-se consumindo a carne; o semblante pálido, macilento e amarelo anuncia a morte próxima. Esta é a mais viva representação de uma alma tíbia.

O infeliz estado de uma alma que está em pecado mortal é na verdade bem digno de compaixão; mas, não obstante, o estado de tibieza, no sentir do mesmo Jesus Cristo, é de certa maneira pior que o de pecado. Oxalá fosses de todo frio ou de todo quente, dizia o anjo do Apocalipse [^2], mas porque és tíbio começarei a vomitar-te de minha boca como uma comida insípida, asquerosa, que meu estômago não pode suportar.

Pois quê, aquele Senhor a quem não causam horror os maiores pecadores; aquele Senhor em cujo amoroso coração encontram a fonte do perdão os mais enormes pecados; aquele Senhor que não teve horror de Judas, esse mesmo Senhor não pode olhar sem horror uma alma tíbia! E esta alma tíbia não há de achar em seu benignissimo coração aqueles afetos de amor e ternura que encontram sempre nele os pecadores! Ai, Senhor, que estado mais terrível, que estado mais infeliz

que o de uma alma sumida na tibieza! E não é este o estado em que me encontro?

Segundo ponto

Considera que o que torna mais horrível este estado miserável é que mal é possível sair dele; é um mal quase sem remédio. Para sair de um estado perigoso é preciso conhecer que se está nele e conhecer também seu perigo; mas isto é pontualmente o que uma alma tíbia não conhece.

Um pecador afundado, por assim dizer, no abismo das maiores desordens conhece sem dificuldade o perigo em que se acha, e esta reflexão o atemoriza. Logra sempre alguns momentos felizes, durante os quais, a favor dos menores raios da graça, descobre tantas deformidades em sua alma que é o primeiro que lamenta sua desdita; e este conhecimento, esta salutar confissão de seu infeliz estado tornam sua conversão menos dificultosa.

Mas uma alma tíbia nunca crê que está na tibieza. Pode dizer-se que, logo que alguém conhece que está nela, já começa a não estar; não se conhece de ordinário a desgraça de uma vida tíbia senão quando se está no fervor; e isto é o que torna tão difícil a emenda. A cegueira e a insensibilidade são os primeiros efeitos da tibieza.

Como esta vai entrando pouco a pouco, vai-se insensivelmente domesticando a alma com o pecado. Neste estado nada espanta a alma, de nada se precave, porque nada encontra que a escandalize. Vem-se a cair na tibieza sem omitir nenhum dos exercícios espirituais, nenhuma das devoções ordinárias, que se fazem já por costume e com a maior negligência. Uma vez metidos neste estado, quem nos tirará dele? Aquelas verdades tremendas em que se tem meditado tantas vezes e das quais se fala com tanta energia sem ser alguém comovido por elas; aquelas leituras espirituais que desde tanto tempo se fazem não mais que por hábito; aqueles avisos salutares de um confessor, de um superior zeloso, aos quais alguém se acostumou: nada faz impressão, tudo se torna inútil para uma alma tíbia; até Deus mesmo, que faz tanto ruído para despertar o pecador, cala neste caso e deixa morrer uma alma tíbia em sua fatal modorra, em seus pecadinhos. Ó estado espantoso!

Mas de que servirão, meu Deus, todas estas reflexões a uma alma tíbia, a não ser que por um milagre de vossa misericórdia lhe façais vós mesmo conhecer a desdita em que se acha? Cairá na conta de quem é este retrato, se vós não lhe dizeis interiormente que é o seu? Fazei este grande milagre em meu favor, divino Salvador meu, e conheça eu desde logo que este é o miserável estado em que se acha minha pobre alma. Muito tempo há que vivo totalmente preocupado de uma fatal tibieza; mas nem por isso me lanceis de vosso amoroso coração, dulcíssimo Jesus meu, meu único refúgio e meu único consolo; já não voltarei a ser tíbio com o socorro de vossa divina graça, que confiadamente vos peço; e desde este mesmo instante dou princípio a servir-vos com fervor.

Jaculatórias

> *Ne projicias me in tempore senectutis; cum defecerit virtus mea, ne derelinquas me.* Sl 70.

Não me lances, Senhor, de teu coração quando começar a desfalecer em teu serviço; e não me abandones tu quando me abandonar o fervor.

> “ *Domine, paratus sum tecum et in carcerem et in mortem ire.* Lc 22.

Pronto estou, Senhor, a seguir-vos por cárceres, por trabalhos e à morte mesma. De hoje em diante nada será capaz de separar-me de vossa amável companhia.

Propósitos

1. Guarda-te bem, diz o Sábio, de servir a Deus com negligência; porque é maldito aquele que faz a obra do Senhor descuidadamente. A negligência em servir a um amo é o mais certo sinal da indiferença com que se o olha, e esta indiferença numa alma tíbia é um desprezo verdadeiro. O libertino, arrastado de suas paixões, pensa pouco em Deus quando o ofende; mas o tíbio não o perde de vista, ainda quando o está desgostando. Sempre são menos odiosos os inimigos descobertos e visíveis que os amigos falsos. Examina se estás tocado deste comuníssimo contágio e, acudindo prontamente aos remédios, aplica os seguintes: Primeiro: Faze todos os exercícios espirituais, não só com devoção, mas com a mais pontual exatidão, assinalando a hora, o tempo e o espaço que hás de ocupar em cada um. Impõe-te uma inviolável lei de fazê-los sempre à mesma hora, porque nada acredita tanto o fervor como esta invencível pontualidade. Segundo: Considera quanto enfada, quanto impacienta, quanto irrita um criado fleumático, um filho frouxo, um súdito descuidado, negligente, preguiçoso, e por aí compreenderás que indigna, que enfadonha é a tibieza no serviço de Deus. Não podes tolerar tu que te sirvam com pouco gosto, e com tudo isso tu mesmo serves a Deus com tibieza. Terceiro: O remédio mais específico contra este perigoso achaque é cumprir com fidelidade as obrigações mais miúdas, é evitar com delicadeza as mais ligeiras faltas, é observar com exatidão as menores regras; logo se faz fervoroso quem é tão exato.

2. Todos devem temer o estado de tibieza; mas nenhuns mais que as pessoas religiosas, as que no século fazem profissão de devotas e as que por ofício ou por instituto exortam outros à prática das virtudes de que elas carecem. Se queres desviar-te de um estado tão funesto à salvação, propõe todas as manhãs fazer novos progressos no caminho da virtude. Determina a que particularmente hás de praticar naquele dia e a mortificação em que hás de exercitar-te. Procura que tuas confissões não sejam sem fruto, advertindo que é muito dificultoso que haja verdadeira contrição e verdadeiro arrependimento onde há contínuas recaídas nos mesmos pecados. Tem cuidado de praticar tu mesmo as virtudes que aconselhas a outros. As pessoas religiosas pouco fervorosas levam sempre uma vida tíbia; e tem presente que ensinar em matéria de perfeição o que não se

pratica é, quando menos, estar alguém em estado de tibieza.

[^1]: Os mais ilustres Padres que assistiram a este concílio foram, depois de Santo Alexandre, Santo Eustácio, patriarca de Antioquia; São Macário, de Jerusalém; Ceciliano, arcebispo de Cartago; São Pafnúcio, da alta Tebaida; São Potamão, de Heracleia sobre o Nilo; São Paulo, de Neocesareia; Tiago, de Nísibis, etc. O papa São Silvestre, não tendo podido ir por causa de sua muita idade, enviou legados que presidissem o concílio em seu nome; estes foram Vitão ou Víctor e Vicente, presbíteros da Igreja romana, e Ósio, bispo de Córdoba, na Espanha, o qual gozava de grande consideração na igreja do Ocidente e era por outra parte muito estimado do imperador Constantino. *Ipse etiam Osius ex Hispanis nominis et famæ celebritate insignis, qui Silvestri episcopi maximæ Romæ locum obtinebat, una cum romanis presbyteris Vitone et Vincentio adfuit.* Estas são as palavras de Gelásio de Cízico. O mesmo Ósio presidiu depois o concílio de Sárdica, que foi como um apêndice ao de Niceia; também assistiu [o texto da nota se interrompe aqui no OCR]. — Continuação provável da nota, que no OCR aparece solta depois da primeira entrada do Martirológio: «... conforma bem com a cronologia da história de Santo Atanásio. O batismo conferido por jogo e sem intenção de fazer o que faz a Igreja é nulo, e não podia aprová-lo Santo Alexandre, embora Santo Atanásio pudesse ter tido semelhante intenção e seguido todos os ritos essenciais do batismo, em cujo caso teria sido válido o batismo, não obstante que se tivesse proposto recrear-se como fim secundário. Mas esta explicação só cabe dar-se, admitida a certeza do fato. J. B.» [^2]: (Nota ausente no texto reconhecido pelo OCR.)

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:22 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:22 by Admin